Percepção sociocultural de residentes de cidades brasileiras de tamanho intermediário¹

Referência: Matos, R. (2013). Percepção sociocultural de residentes de cidades brasileiras de tamanho intermediário. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n.º 3 (Junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Pág. 117 a 141.

Resumo

Este artigo discute os fatores que explicam a fixação de residentes em cidades médias dinâmicas do Brasil atual. Considerados os fatores Econômico-sociais, Geoculturais e Culturais, pesquisa de campo realizada em 55 cidades de diferentes regiões concluiu que os fatores culturais foram mais relevantes na maioria das cidades pesquisadas. As razões destacadas pelos entrevistados indicam que “Apego à Família, Vizinhança e Tranquilidade” é um valor essencial assim como “Educação, Saúde e Serviços básicos”. Os fatores Econômico-Sociais foram mais valorizados pelos habitantes do Sul e Sudeste brasileiros, enquanto os fatores Geoculturais foram destacados por cerca de 20% dos respondentes. Os resultados sugerem a atenção das autoridades para itens como

¹ Um artigo que explora outra parte da base de dados aqui trabalhada e com focos argumentativos diferentes foi publicado em abril de 2013 na revista eletrônica brasileira intitulada Mercator.

relações de vizinhança, entretenimento e atrativos paisagísticos, elementos da subjetividade humana estudados há muito tempo pela Geografia Cultural.

Palavras chaves: geografia cultural, cidades intermediárias, população, percepção urbana

Abstract

This study discusses the factors that explain the fixation of population in the dynamic secondary cities of the actual Brazil. Considering the economic and social factors and the geographic-cultural and cultural factors, the field research developed in 55 cities from different regions concluded, that cultural factors were the most relevant in the majority of the cities. The reasons pointed by the respondents indicate that “attachment to the family, neighborhood and peacefulness” is a prominent value as well as “education, health and basic services”. The economic-social factors were more emphasized by the inhabitants of Southern and Southeastern Brazil. While the geographic-cultural factors, were valued by around 20% of the respondents. This suggests the need of thinking in public policies that take into account issues like “neighborhood relations, entertainment and landscape attractions”, elements of human subjectivity that have been studied in cultural geography for a long time.

Key words: cultural geography, secondary cities, population, urban perception.

1. Introdução

Graças à Lei de Acesso à Informação e à imprensa livre, uma manchete não contestada do jornal Folha de S.Paulo de 27 de janeiro de 2013, é motivo de discussão no Brasil atual. Intitulada “Igrejas arrecadam R\$21 bi por ano”, o texto da primeira página do jornal nos diz: “Templos e sedes de igrejas católicas e evangélicas e centros espíritas, entre outras religiões, arrecadaram R\$ 20,6 bilhões em 2011, revelam dados da Receita Federal [...]. O valor é igual a 90% do montante disponível para o Bolsa Família [...]. Desse total, 14,2 bilhões foram entregues por fiéis (R\$ 39,1 milhões por dia). Os

dízimos, porém representam menos de um terço das doações aleatórias. Entre 2006 e 2011, a arrecadação dos templos teve alta de 11,9% no país. No Nordeste, cresceu quase o triplo da média nacional. A região é a mais católica do Brasil, mas perde espaço para a igreja evangélica.”

É fato conhecido que, a despeito de o Brasil ser um país laico, tem havido expansão de instituições religiosas particularmente em regiões de maior tradição católica. Esse dado causa estranheza ao ser confrontado com a constatação de aumento do número de pessoas não religiosas. A questão vem motivando análises e pesquisas de cientistas sociais e parece enigmática e/ou paradoxal. Afinal se aumenta o número de não religiosos como aumenta também o número de recursos financeiros das igrejas do país, boa parte deles baseados na contribuição de fieis? A questão pode oferecer uma resposta simples: a população de adultos e idosos, que cresce mais que a população infanto-juvenil, tanto alimenta o aumento de fieis e adeptos de instituições religiosas quanto contribui para o incremento dos não religiosos. Entre os que não frequentam igrejas, há os que acreditam em Deus, mas são mais consumistas-pragmáticos, apreciam o conforto material e certas vantagens do individualismo laico. Contudo, a questão suscita respostas mais complexas, pois há variados tipos de comportamento híbrido, resultante de combinações entre crentes radicais e crentes tolerantes, agnósticos, ateus, não cristãos e tipos que ignoram totalmente as religiões. Ademais, há variações significativas no país. Em algumas regiões a religiosidade é mais contrita, católica e renitente. Em outras, a religiosidade é mais diversificada e abrangente, incluindo os praticantes de religiões de origem não afro europeias. Há também variações significativas entre áreas rurais e urbanas. As primeiras, sobretudo as com hábitos culturais mais arraigados, são mais cristianizadas do que as segundas. Essa disparidade aumenta se nos deparamos com cidades muito dinâmicas, cheias de migrantes, empresas, órgãos públicos; onde a racionalidade econômica passa a ser predominante.

Mas se o aumento da arrecadação das igrejas, como estampado na manchete mencionada, tem sido expressivo nos últimos anos, é evidente que a maioria dessas “contribuições” pecuniárias provém das cidades. Das cidades de qualquer tamanho. Certamente as grandes metrópoles, particularmente as suas periferias urbanas, têm

sido “invadidas” por templos religiosos que oferecem conforto psicológico a muita gente, a gente simples, a despossuídos e pessoas de classe média. Desempenham portanto algum papel social não desprezível, mas gozam de enormes favores do Estado por força da isenção fiscal assegurada pela Constituição brasileira. Os ganhos extraordinários de várias dessas igrejas causam polêmica. A demonstração de ostentação e riqueza de muitos clérigos e o poder político e econômico que vêm acumulando causa apreensão, sobretudo porque é necessário discutir publicamente se a contrapartida de atenção aos pobres e desvalidos da sorte e da fortuna tem sido cumprida como seria de se esperar. Pesquisas nessa direção certamente encontrarão muitas dificuldades para sua realização, assim como é muito difícil a estruturação de um debate público que envolva parlamentares, governo, organizações não governamentais e atores da sociedade civil em geral.

Pesquisas de opinião expeditas, realizadas sob determinado tamanho amostral em diferentes regiões do país, e com quesitos de fácil entendimento poderiam auxiliar nesse debate. Afinal, se é nas cidades que as arrecadações financeiras vêm aumentando tanto entre 2006 e 2011 o que pensa o habitante sobre o atrativo religioso diante de outros atrativos existentes em sua cidade? Fora das metrópoles sabemos que centenas de cidades intermediárias têm experimentado dinamismo econômico nas últimas décadas. Também nelas a religiosidade está tão presente, sobretudo se o atrativo religioso for comparado com atrativos laicos?

2. Situação contextual das cidades intermediárias brasileiras, pesquisa direta e aspectos metodológicos

Dados econômicos vêm mostrando que o emprego formal se expande mais fortemente nas cidades que compõem o arco de influência dos principais centros urbanos do país. Acrescente-se que, ainda mais alta é a proporção de trabalhadores ocupados no setor informal. Por tudo isso, é sempre conveniente verificar quais são as localidades que mais atraem trabalhadores, já que essa atração pode se apoiar em diferentes tipos de oferta de trabalho. No caso das cidades intermediárias dinâmicas acima referidas, é certo que o crescimento demográfico, sustentado em larga medida

pela imigração, acompanha-se tanto do incremento do emprego formal quanto do informal.

Estudo recente, com base nos dados do emprego formal (dados da RAIS²), constata a existência de dois vetores espaciais de crescimento no primeiro decênio do século XXI: o primeiro, considerando a configuração da atual rede de cidades, põe em destaque os municípios do porte intermediário; o segundo, considerando as atuais divisões regionais, ressalta o dinamismo das regiões Norte e Centro-Oeste, secundados pelo Nordeste. Os serviços, a indústria e a agropecuária figuram entre as atividades motoras desse dinamismo. Além disso, o estudo explicitou uma dicotomia: os municípios dinâmicos que sediam cidades intermediárias tendem a atrair tanto trabalhadores qualificados quanto imigrantes de baixa qualificação, o que faz aumentar a participação relativa de trabalhadores que não completaram o Ensino Fundamental, geralmente ocupados na construção civil, no “baixo” terciário e no mercado informal de trabalho³. Diante disso, afigura-se importante conhecer mais de perto algumas das cidades que vêm participando da interiorização do dinamismo econômico e demográfico no Brasil atual por meio de pesquisa direta. Uma forma de identificar as localidades a serem trabalhadas nesse tipo de pesquisa consiste na seleção do conjunto mais dinâmico de cidades intermediárias, por meio da avaliação dos dados secundários relativos à expansão demográfica e econômica. Mais dinâmicas são as cidades cujos municípios sustentam continuamente o crescimento demográfico e do emprego acima da média nacional por um período de tempo razoável.

A seleção das cidades médias da pesquisa de campo, cada uma delas pertencentes a municípios com população superior a 50 mil e inferior a 750 mil habitantes no ano

² A Relação Anual de Informações Sociais – RAIS é um banco de dados estatísticos sobre emprego e mercado de trabalho formal derivado de declaração obrigatória dos empregadores atendendo ao Decreto nº 76.900, de 23/12/75. É instrumento essencial ao planejamento de vários órgãos governamentais, tendo em vista o acompanhamento e controle: dos registros do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço); dos sistemas de arrecadação e de concessão e benefícios previdenciários; de estudos técnicos de natureza estatística e atuarial; de identificação do trabalhador com direito ao abono salarial; e da própria legislação trabalhista.

³ Esse estudo dos municípios brasileiros, com base na evolução das taxas de variação anual do emprego formal entre 1998 e 2006, apontou um conjunto de 1.185 municípios dinâmicos: os que apresentaram crescimento anual acima da média nacional em pelo menos seis dos oito períodos analisados. Confirmando as tendências de crescimento demográfico registradas nos últimos anos, observou-se que muitos desses municípios estão presentes nas regiões Norte e Centro-Oeste. Os dados sobre a origem desses trabalhadores mostraram que os fluxos mais expressivos, acima de cinco mil registros, são de curta distância e localizados dentro de áreas metropolitanas. Já os fluxos intermediários, entre mil e cinco mil pessoas, envolvem distâncias mais longas e põem em foco as saídas de migrantes das grandes capitais da região Sudeste. Ver Matos (2005); Matos e Ferreira (2004).

2000, envolveu os seguintes outros critérios:⁴ a) estratificação dos municípios brasileiros dinâmicos, isto é: com crescimento demográfico positivo entre 1991 e 2000 e com crescimento positivo do emprego formal na maior parte dos anos que compõem o período 1991-2000 (dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS); b) Desse rol foram excluídos municípios integrantes das nove regiões metropolitanas brasileiras originais; c) também foi excluído o segundo município mais populoso integrante de uma mesma microrregião geográfica (conforme definição do IBGE). Os critérios b) e c) procuram respeitar o fator distância geográfica, a fim de selecionar cidades efetivamente polarizadoras, não afetadas diretamente pela proximidade física de uma metrópole ou centro urbano mais desenvolvido, capazes portanto de expressar de forma razoável a localização e dispersão geográfica das principais cidades médias do território brasileiro.

Restaram por fim 213 municípios, os quais foram submetidos ao sorteio estatístico para a seleção da amostra de 55 cidades que seriam trabalhados na pesquisa de campo. Para garantir que a amostra final tivesse cidades representantes de cada região, optou-se, inicialmente, por um processo de seleção considerando cada região como um estrato. Em seguida, distribuiu-se as 55 cidades (tamanho da amostra final) proporcionalmente entre as regiões, considerando-se como fator de ponderação o número de cidades em cada região. Dentro de cada região (estrato) fez-se a seleção aleatória das cidades, considerando-se como fatores de ponderação a taxa de crescimento demográfico e a população total de 2000. A partir daí obteve-se o número de pessoas a serem entrevistadas em cada cidade, tendo em conta, portanto, seu tamanho populacional. As estimativas de erros, por região, possuem um nível de confiança de 95%, dadas as proporções de população em cada região. O maior nível de erros situa-se em torno de 0,082 (8,2%) e o menor valor é 0,034 (3,4%). As estimativas de erros para todas as regiões conjuntamente é de 0,0213 (2,13%), valor

⁴ Parte desse estudo fez parte de um conjunto de resultado da pesquisa financiada pela Finep, intitulada “Desigualdades socioespaciais e descentralização territorial no Brasil contemporâneo”.

estatisticamente aceitável e similar às margens de erro das pesquisas de opinião usualmente feitas no país⁵.

Uma vez definidas as cidades objeto da pesquisa de campo, a equipe investiu no aprimoramento do formulário amostral, no qual constaria um conjunto de questões que deveriam ser feitas aos residentes da forma mais expedita possível. A estratificação das características dos respondentes feita a priori ajudou na experiência de campo, porquanto os pesquisadores sabiam, de antemão, quantos questionários deveriam ser aplicados em cada cidade e que estratégias de abordagem seriam executadas para selecionar apenas moradores alfabetizados.⁶ A parte do formulário relativa à percepção individual sobre o que a cidade oferece aos residentes baseia-se na hierarquização dos fatores que denominamos Econômico-sociais, Geoculturais e Culturais.⁷

2.1 - Fatores de fixação nas cidades médias

Uma meta básica da pesquisa era consultar a população moradora sobre suas preferências na cidade, tendo em vista a seguinte orientação inicial: se as cidades eram dinâmicas, vinham experimentando mudanças econômicas e demográficas, que impactos essas mudanças poderiam imprimir na vida das pessoas? Que fatores de tipo econômico, cultural e geocultural poderiam ser considerados elementos de fixação dos residentes na cidade? A religiosidade ainda era expressiva nessas cidades tendo em vista a condição laica do Estado brasileiro?

⁵ A etapa da pesquisa sobre os testes de consistência relativos ao questionário aplicado nas 55 cidades sorteadas contou com o auxílio da Prof. Suely Mingoti do Departamento de Estatística da UFMG. As cidades trabalhadas foram as seguintes, no Sul: São Bento do Sul, Londrina, Foz do Iguaçu, Joinville, Florianópolis, Rio Grande, Chapecó, Caçador, Ponta Grossa, Cruz Alta e Santa Cruz do Sul; no Sudeste: Guaratinguetá, Itanhaém, Jundiaí, São José do Rio Preto, Araçatuba, Franca, Alfenas, Marília, Sorocaba, Presidente Prudente, São Mateus, Colatina, Cachoeiro do Itapemirim, Itaperuna, Cabo Frio, Três Corações, Uberlândia, Pouso Alegre, Juiz de Fora, Barbacena, São João Del Rei, Montes Claros, Sete Lagoas e Campos; no Nordeste: Mossoró, João Pessoa, Balsas, Petrolina, Itabaiana, Aracajú, Juazeiro, Sobral, Teresina, Imperatriz, Caxias e Vitória da Conquista; no Norte: Palmas, Parauapebas, Santarém, Itaituba e Marabá; no Centro Oeste: Cáceres, Sinop, Luziânia, e Anápolis

⁶ Os pré-testes contribuíram para a eliminação de dúvidas, o que fez concluir que toda a pesquisa de opinião deveria ser feita exclusivamente no centro da cidade e em suas imediações (espaços de maior densidade imobiliária e de circulação de pessoas). Os frequentadores dessas áreas representam bem a população dos residentes das cidades médias pesquisadas que, afinal, não possuem grandes periferias urbanas nem extensos centros comerciais. Os quesitos básicos do formulário de pesquisa são: sexo, idade, escolaridade, renda, ocupação, bairro onde reside, se mora em casa própria, meio de transporte utilizado, se é natural da cidade e última procedência, se for migrante.

⁷ O entrevistado, segundo sua preferência, selecionava três cartões de um rol de 12 (fatores econômico-sociais), três outros de um rol de 14 (fatores geoculturais), e mais três cartões de um rol de 13 (fatores culturais). Em uma última rodada, os nove cartões selecionados eram apresentados ao entrevistado para que fizesse uma seleção final e apontasse os três mais relevantes. Os cartões eram submetidos à escolha dos entrevistados e o tempo de entrevista girava em torno de 6 a 7 minutos.

Pressupunha-se que os fatores econômico-sociais, mais associados ao emprego e sobrevivência na cidade eram dominantes, mas caberia aferir os fatores não econômicos e, para isso, foi indispensável recorrer à parte das experiências da Geografia Cultural, campo de conhecimentos em que é imperiosa a ligação entre espaço e cultura⁸. Com isso tornou-se possível discernir a força dos atributos de pertencimento existentes nas cidades médias. Dar voz à população, oferecendo-lhe um amplo conjunto de opções de escolha na pesquisa de opinião, foi o método escolhido na pesquisa de campo. Os objetivos da pesquisa nos sugeriram reunir os fatores não econômicos em dois níveis, um mais concreto e outro mais abstrato. O primeiro, “geocultural”, estabeleceria uma vinculação mais direta com elementos físico-paisagísticos de valor simbólico, uma espécie de *geografia das representações do pertencimento*. O segundo, os “fatores culturais”, mais subjetivos e menos materiais, aludiriam a um rol de elementos que poderiam integrar a pauta de valores culturais locais, a exemplo das atividades religiosas, das relações de parentesco, das atividades desportivas e de entretenimento.

No rol dos “*fatores econômicos e sociais*” selecionados, o princípio adotado seria o de estimular o entrevistado a apontar elementos atrativos da cidade em que residia. O acesso à educação e saúde, condição que certamente qualifica as melhores cidades em termos de infraestrutura, foram opções lançadas aos entrevistados, não apenas por seus significados econômicos, mas por retratar boa parte das condições sociais da vida urbana moderna. Outro conjunto de itens que se reportam à ação dos poderes públicos no espaço urbano refere-se à presença de redes de água, luz e esgoto, da mesma forma que o item “facilidade de transporte”. Os demais itens do quadro abaixo são mais diversos e aludem à iniciativa privada e atributos econômicos das cidades. “Facilidade de moradia” e “Herança de família” podem convergir para uma mesma direção, tanto para o preço de imóveis e aluguéis, quanto para a existência de

⁸ A Geografia Cultural tem suas origens associadas aos escritos do século XIX de alguns dos fundadores da disciplina como Herder, Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel. Posteriormente foram inúmeros os estudiosos que se dedicaram aos estudos que procuravam vincular homem, cultura e natureza na Europa e EUA. Contudo, não são muitos os textos clássicos traduzidos para o português, não fosse o esforço de geógrafos brasileiros tais como Antônio Christofletti, Livia de Oliveira, Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Alguns textos que contribuem para o entendimento das questões teóricas, das discussões epistemológicas, debates metodológicos e experiências de pesquisa desenvolvidas na Geografia Cultural podem ser encontrados em Bonnemaïson (2002), Claval (1995), Corrêa (1989), Cosgrove (1998), Gallais (2002), Gomes (1996), Lowenthal (1982), McDowell (1996), Sorre (2000), Tuan (1983), entre outros.

patrimônio das famílias que viabiliza a permanência de parte da população na cidade. Fatores tipicamente econômicos como “Emprego”, “Negócio Próprio”, “Custo de Vida Barato” e “Bom Salário” podem representar incentivos fortes à permanência nas cidades médias. Por último, um fator econômico, mas também geográfico, é o item “Perto de Tudo”, a partir do qual pode-se verificar a sensibilidade do entrevistado quanto às distâncias relativas. Além disso, trata-se de um aspecto relevante do ponto de vista urbanístico, já que a pesquisa foi desenvolvida nas áreas centrais das cidades médias, muitas delas com centralidade bem desenvolvida.

Quadro Geral dos Itens da Pesquisa de Opinião

Fatores econômicos e sociais			
1.Facilidade de moradia	2.Facilidade de transporte	3.Água, luz, esgoto	4.Emprego
5.Negócio próprio	6.Herança de família	7.Custo de vida barato	8.Perto de tudo
9.Bom salário	10.Atenção a Saúde	11.Escolas	11.Outro
Fatores Geoculturais			
13. Casa/bairro onde nasceu	14. Bom clima	15. Bares/Restaurantes	16. Passeios/Pescarias
17. Rio, lago, córrego, cachoeira.	18. Pôr do sol, nascer do sol, estrelas.	19. Praia / Mar	20. Matas / Bosques / Parques / Jardins
21.Prédios/ Monumentos	22.Serra/Montanha	23.Vizinhança	24.Belas vistas / Paisagens
25.Praça/ Rua/ Avenida	26.Praças de esportes	27.Outro	
Fatores Culturais			
28. Clubes ou entidades assistenciais	29. Festas religiosas e do padroeiro	30. Prefeitura / Partido político	31. Atividades religiosas
32. Vida tranquila / Segurança	33. Apego à família	34. Teatro / Cinema / Música	35. Carnaval / Festas juninas
36. associações, conselhos ou ONGs	37. Feiras artesanais / Barraquinhas	38. Danças / Cantorias	39. Futebol / Jogos com amigos
40. Outro			

Fonte: Pesquisa Direta – Laboratório de Estudos Territoriais (Leste/IGC-UFGM)

Os “*fatores geoculturais*” selecionados procuram reunir uma série de elementos geográficos que comparecem na paisagem das cidades brasileiras. Alguns itens foram agrupados por proximidade, embora não signifiquem a mesma coisa, como “rio, lago, córrego e cachoeira”. Outros são marcantes em determinadas regiões, como “praia,

mar, serra”. O que se esperava dos entrevistados é que apontassem e hierarquizassem algumas características físico-paisagísticas da cidade.⁹

Já os “fatores culturais” selecionados, também reagrupados para evitar o aumento em demasia dos cartões que seriam submetidas à escolha dos entrevistados, possuem várias denominações, algumas expressando uma materialidade evidente, embora estejam impregnados de dimensões subjetivas que reportam-se à formação de culturas, hábitos e comportamentos. Os exemplos mais evidentes são “Clubes ou entidades assistenciais”; “Teatro/ Cinema/ Música”; “Feiras artesanais/ Barraquinhas”. Alguns itens foram reagrupados por proximidade temática. No tema “festas”, estrito senso, comparecem os itens “Festas religiosas e do padroeiro”, “Carnaval/ Festas juninas” e “Danças/Cantorias”. No tema “participação cívica” há os itens “Clubes ou entidades assistenciais”; “Prefeitura/Partido político”; “Participa de associações, conselhos ou ONGs”. Nas chamadas práticas religiosas, beneméritas e esportivas pode-se assinalar os itens 31 (Atividades Religiosas), 37 (Feiras Artesanais/ Barraquinhas), 39 (Futebol/ Jogos com Amigos). Para aferir se na cidade havia equipamentos culturais ainda importantes para a população ofereceu-se o cartão 34, “Teatro/ Cinema/Música”, como opção de escolha. “Vida Tranqüila/Segurança” foi um item que agregou dois aspectos não idênticos, mas bem compreendidos pela população. Da mesma forma, “Apego à Família” foi de fácil entendimento para os entrevistados e revelou-se uma poderosa razão que explica a permanência dos moradores em suas respectivas cidades.

⁹ O fator de número 13, “Casa ou bairro onde nasceu”, o de número 21, “Prédios/ Monumentos importantes”, juntamente com o de número 25, “Praça/Rua/Avenida”, procuram explorar imagens urbanas de expressão simbólica significativa para a população. Atributos cênicos-paisagísticos mais específicos, de função contemplativa, foram reunidos nos itens de número 17, 18, 20, 24, a saber, “Rio/lago/córrego/ cachoeira”; “Pôr do sol/ nascer do sol/ estrelas”; “Matas/ Bosques/ Parques/ Jardins”; “Belas vistas/ Paisagens”. Elementos integrantes da paisagem municipal capazes de mobilizar pessoas para atividades lúdicas e de entretenimento foram reunidos nos itens 19 (“Praia/ Mar”), 22 (“Serra/ Montanha”), 16 (“Passeios e pescarias”) e 26 (“Praças de esportes”). O fator 14, “Bom Clima”, tenta indicar condições microambientais experimentadas pelos habitantes da cidade. Um último fator, que foi objeto de discussões, refere-se ao item 23, “Vizinhança”. A ideia de deixá-lo solto, sem articulação com outra palavra que denotasse a intenção da pesquisa, prevaleceu, embora sem uma conclusão definitiva, já que vizinhança pode se referir mais diretamente aos moradores vizinhos do bairro ou da rua onde mora o entrevistado, mas poderia orientar-se para outros aspectos associados à proximidade com equipamentos públicos (penitenciária, escolas, igrejas, clubes, praças, etc.).

3. Resultados Gerais e Análise

Os resultados aqui apresentados, os primeiros da pesquisa supracitada, não ultrapassam o nível de erro amostral dos 3,4% e 2,1% (para todas as regiões), mantendo-se assim a referência espacial restrita ao nível regional, sem evoluir para o nível de cada cidade, onde o erro amostral aumenta. Em termos bem gerais pode-se afirmar que a distribuição dos entrevistados por sexo, em torno de 50%, se mostra bem equilibrada, assim como por idade, tendo em vista as três faixas etárias adotadas pela pesquisa. No cômputo final, os entrevistados (alfabetizados) possuíam, em sua maioria, o secundário completo (à exceção do Norte). Como esperado, a renda média das pessoas do Sudeste e Sul situava-se em níveis claramente mais elevados do que as médias de renda do Norte e Nordeste, e também do Centro Oeste. A grande maioria dos entrevistados morava em casa própria ou da família, mas cerca de 1/3 dos entrevistados declararam não possuir casa própria. Os dados indicam que uma pequena maioria dos entrevistados era composta de não-naturais da cidade (cerca de 48% disseram ter nascido no município). A despeito da dificuldade de se definir objetivamente o que seja “centro da cidade”, 53% dos entrevistados que circulavam nas áreas centrais dizia morar fora do centro.

A Tabela 1 expõe os 17 principais¹⁰ fatores de fixação indicados pelos entrevistados residentes nas cidades médias das Grandes Regiões brasileiras. Tais fatores abrangem 3.510 entrevistas, o que representa 78,9% de todos os fatores arrolados nas 4.448 entrevistas realizadas. Os fatores com percentuais mais expressivos foram: Apego à Família (18,0%), Educação (8,2%), Saúde (6,5%), Atividades Religiosas (5,4%), Vida Tranquila e Segurança (5,1%), Emprego (4,9%) e Perto de Tudo com 4,9% das indicações. Juntos, estes sete fatores integram 53,0% das preferências dos entrevistados, enquanto os dez subsequentes somam outros 25,8% das indicações dos 4.448 entrevistados.

Em princípio, surpreende a importância atribuída à “família” pela maioria dos entrevistados, em todas as regiões vis-à-vis a posição do item “emprego” na hierarquia

¹⁰ A seleção dos 17 fatores levou em conta a representatividade de cada um deles em relação às 4448 entrevistas realizadas. Assim, Água, luz e esgoto, o 17º fator corresponde a 2,1% dos cartões selecionados pelo total de respondentes.

geral dos fatores. Note-se que entre os sete fatores de fixação apontados pelos entrevistados apenas o “emprego” possui uma conotação econômica muito evidente, já que os demais referem-se às dimensões cultural, institucional e geográfica. Poder-se-ia esperar que, tratando-se de cidades médias dinâmicas, o emprego fosse o atrator mais significativo, juntamente com outros itens presentes na Tabela 1, a exemplo de negócio próprio e custo de vida?

Leituras mais acuradas dos resultados revelam a consistência das respostas dos entrevistados, inclusive expondo determinadas lógicas que não saltam aos olhos à primeira vista nas análises mais agregadas. Inicialmente, convém observar que mesmo considerando o fato de as cidades selecionadas destacarem-se em termos de emprego formal (dados da RAIS), a maioria da população ocupada ainda não possuía emprego com carteira assinada. Assim, embora o item Emprego figure entre os mais relevantes não situa-se entre os cinco principais fatores de fixação, provavelmente, porque há outros fatores mais relevantes na percepção do habitante, inclusive dotados de um caráter mais “genérico” a exemplo de “apego à família”¹¹, acesso à educação, à saúde e às atividades religiosas. A inserção do indivíduo no mercado de trabalho formal é seletiva em muitos aspectos e depende de pré-condições econômicas e institucionais que extrapolam desejos individuais. Entretanto, ainda assim, é de se esperar que diante da interiorização do emprego formal no Brasil contemporâneo, parte dos entrevistados, mesmo não empregada, revele sensibilidade para com esse fator. Não é por outra razão que nas regiões Norte e Sul, onde muitos postos de trabalho surgiram em cidades médias nos últimos anos, foram numerosos os respondentes que valorizaram o fator Emprego, bem acima da média geral dos 4,9% (7,4% e 6,5%, respectivamente), em visível contraste com os entrevistados das cidades nordestinas (3,4%), onde é mais crônica a carência de empregos.

¹¹ Não há dúvida que a maioria dos entrevistados é apegada à família, mas as mulheres são mais que os homens (27,8% versus 22,1%); os jovens entre 15 e 25 anos (23,5%) bem menos que os mais velhos (27,1%), os com mais de 50 anos; assim como os residentes no Sul (26,1%), Sudeste (25,7%) e Nordeste (24,3%), nessa ordem, são mais apegados à família que os residentes no Norte e Centro Oeste.

Tabela 1 - Percepção regionalizada dos moradores das cidades médias dinâmicas segundo fatores de fixação socioeconômicos, geoculturais e culturais - 2008/2009

Fatores de Fixação	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Total
Apego à família	13,8	18,3	18,4	19,7	15,0	18,0
Escolas	6,8	5,9	9,7	8,4	8,0	8,2
Atenção a Saúde	3,8	7,3	6,7	7,0	6,3	6,5
Atividades religiosas	6,6	6,0	5,7	4,0	4,7	5,4
Vida tranquila / Segurança	6,1	4,8	5,3	5,1	4,0	5,1
Emprego	7,4	3,4	4,3	6,5	4,0	4,9
Perto de tudo	4,7	5,7	5,2	3,7	5,0	4,9
Bom clima	2,5	2,3	4,6	3,8	6,0	3,8
Futebol, Jogos com amigos	3,2	3,6	2,6	2,9	4,3	3,1
Negócio Próprio	4,2	4,0	1,6	2,4	3,3	2,6
Carnaval, Festas Juninas	4,7	6,3	1,3	1,3	0,7	2,6
Praia, Mar	0,2	3,2	2,1	4,4	0,0	2,5
Custo de vida barato	1,1	2,7	2,6	2,3	2,3	2,4
Bares, Restaurantes	2,3	1,6	3,0	1,8	1,7	2,3
Festas religiosas / do padroeiro	4,2	2,6	2,0	1,0	3,7	2,2
Teatro, Cinema, Música	0,4	1,6	3,3	1,9	1,3	2,2
Água, Luz, Esgoto	0,2	1,0	3,2	2,2	1,3	2,1
Subtotal	72,2	80,4	81,6	78,1	71,7	78,9
Demais fatores	27,8	19,6	18,4	21,9	28,3	21,1
Total (N. Abs.)	472	878	1792	1006	300	4448

Fonte: Pesquisa Direta – Laboratório de Estudos Territoriais (Leste/IGC-UFGM)

No tocante aos fatores mais “universais”, ao examinar regionalmente os dados, o apego à família apresenta-se mais expressivo nas cidades do Sul (19,7%) – onde aspectos de coesão social e familiar associados à imigração estrangeira ainda se encontram presentes – e menos relevantes nas cidades do Norte (13,8%) – onde as migrações internas devem atuar na separação de parentes e familiares. Os dados da Tabela 1 sugerem que nas cidades em que os equipamentos de educação estão mais

presentes (Sudeste, Sul e Centro Oeste), as indicações dos entrevistados se manifestam mais fortemente. No caso da saúde, conclusões semelhantes se aplicam a essas três regiões, embora o Nordeste surpreenda, tendo-o como destaque positivo, talvez em face da expansão significativa desse tipo de serviço nos últimos 20 anos (contrastando com a realidade de três décadas anteriores), particularmente nas cidades sorteadas pela amostra. Não causa surpresa constatar que o envolvimento das pessoas em atividades religiosas se mostre mais pronunciado em regiões menos desenvolvidas como no Norte e Nordeste, secundadas pelo Sudeste (5,7%) onde brasileiros provenientes do Nordeste são muito numerosos¹². Confirma-se parte da manchete da Folha de S.Paulo.

Se agregarmos os 38 fatores em três grandes grupos, como indicado na Tabela 2, algumas das conclusões vistas acima se repetem, mas fica mais evidente a primazia dos residentes das cidades do Nordeste e Norte na valorização dos fatores culturais, a preferência dos entrevistados do Centro Oeste, Sul e Sudeste pelos fatores econômico-sociais, e do Norte com respeito aos fatores geoculturais, todos com percentuais superiores à média geral.

Tabela 2 - Distribuição percentual regionalizada das preferências dos residentes em cidades médias brasileiras segundo agregação dos fatores de fixação – 2008/2009

Agregação dos Fatores de Fixação	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Total
Fatores culturais	42,2	46,4	41,8	40,9	39,7	42,4
Fatores econômico-sociais	34,5	36,3	38,0	39,6	39,3	37,7
Fatores geoculturais	23,2	17,3	20,2	19,6	21,0	19,9
Total (100%)	469	877	1789	1006	300	4441

Fonte: Pesquisa Direta – Leste/IGC-UFMG

A pesquisa inquiriu os entrevistados discriminando-os por grupos de idades. As principais conclusões afiguram-se bem lógicas, considerando a inserção relativa dos entrevistados nas diferentes etapas do ciclo de vida. De um modo geral os entrevistados são bastante apegados à família embora os jovens com idade entre 15 e 25 anos se declarem menos apegados que os dois outros grupos etários. Não deveria

¹² Embora não possa ser considerado um fator de conteúdo “universal”, a despeito de aludir a presença maior ou menor de determinados tipos de investimentos públicos na cidade, o fator vida tranquila / segurança é mais mencionado pelos residentes das cidades médias dinâmicas do Norte e Sudeste do que pelos residentes das cidades do Centro Oeste e Nordeste.

causar surpresa o fato de o primeiro grupo, composto por muitos estudantes, ser o que mais valoriza o acesso à educação (38,5%), enquanto os mais velhos valorizam mais a presença de equipamentos de saúde na cidade (41,2%) e as atividades religiosas (41,7%). Os dois últimos grupos etários possuem uma percepção mais aguçada que os jovens sobre a importância dos quesitos vida tranquila / segurança, festas religiosas e do padroeiro, bom clima, negócio próprio, água, luz e esgotos. Os jovens entrevistados mostraram-se muito sensíveis a uma série de atrativos culturais existentes na cidade: teatro, cinema, música; carnaval, festas juninas; futebol, jogos com amigos; bares, restaurantes; praia e mar. Além disso, devem valorizar a proximidade física entre esses atrativos (perto de tudo), embora estejam atentos em relação à oferta de emprego na cidade. Já os adultos com idade entre 26 e 50 anos parecem mais preocupados com os fatores econômicos que os demais, como se espera das pessoas nessa etapa do ciclo de vida: foram os que mais destacaram a relevância de fatores como emprego, negócio próprio e custo de vida barato. A tabela 3 sintetiza parte das observações supracitadas e agrega os fatores de fixação. É evidente que o grupo com idade superior valoriza mais os fatores culturais (43,5%), secundado pelo grupo de jovens (42,7%). O grupo intermediário, de idade entre 26 e 50 anos, aponta a relevância dos fatores econômico-sociais, enquanto para o conjunto de atributos paisagísticos da cidade não há diferença significativa na percepção dos três grupos etários, todos com resultados próximos da média dos 20%.

Tabela 3 - Distribuição percentual por grupos de idade das preferências dos residentes em cidades médias brasileiras segundo agregação dos fatores – 2008/2009

Fatores de Fixação	Grupos de Idade			
	Agregados	15 a 25	26 - 50	Mais de 50
Fatores Culturais	42,7	41,1	43,5	42,4
Fatores Econômico-sociais	37,5	39,3	36,3	37,7
Fatores Geoculturais	19,8	19,6	20,2	19,9

Fonte: Pesquisa Direta – Leste/IGC-UFGM

Os dados de campo expõem a percepção dos homens e mulheres segundo status migratório (se nascido ou não nascido no município). As principais diferenças entre migrantes e não-migrantes podem assim ser resumidos: i) os migrantes (homens e

mulheres) são claramente menos apegados à família que os naturais, mas prezam mais as atividades religiosas e, sobretudo, as oportunidades de emprego existentes na cidade, além de valorizarem mais o bom clima local e a presença de infraestruturas urbanas nos setores de saúde, água, luz e esgotos; ii) os naturais, homens e mulheres, discrepam em termos de preferência, mas valorizam mais que os migrantes as festas populares, as festividades religiosas, o teatro, a música, o cinema, o futebol e os jogos com amigos.¹³

Uma pergunta que se coloca é se os dados coletados permitem concluir sobre diferenças significativas nas preferências da população amostrada se controlados os seus níveis de renda. Apesar da não declaração da renda individual por 110 entrevistados é possível estabelecer algumas conclusões gerais (resultados aqui não expostos). As conclusões mais interessantes apontam para uma tendência inversa em relação à preferência dos habitantes à medida que a renda aumenta ou diminui: as pessoas das faixas de maior renda individual são mais sensíveis aos fatores econômico-sociais, as de menor renda são mais apegadas aos fatores culturais. Já os fatores geoculturais são igualmente valorizados pelos de maior ou menor renda e os percentuais não se distanciam da média dos 19,9%.

4. Reagregação das preferências dos entrevistados

As opções disponibilizadas aos entrevistados foram reagregadas em sete itens, como se apresenta em sequência, orientam-se, em boa medida, para as esferas da vida pública e privada.

Os fatores de fixação percebidos, associados a atividades econômicas que asseguram a sobrevivência dos residentes, dada a sua especificidade, foram reunidos em um único item denominado *emprego e fatores econômicos*. Referem-se à presença na cidade de postos de trabalho, bons salários, custo de vida barato, facilidade de moradia, negócio

¹³ Sobre as preferências de migrantes e não migrantes dados da pesquisa mostram que os migrantes são mais sensíveis do que os não migrantes aos fatores econômico-sociais, enquanto os naturais do município valorizam bem mais os fatores culturais. Curiosamente, os atributos paisagísticos da cidade são valorizados por ambas as populações, a despeito de serem mais destacados pelos migrantes (20,8%).

próprio e heranças de família. A maioria desses itens integra-se à ordem privada, a despeito da importância dos empregos públicos em várias cidades médias.

“Família, vizinhança e tranquilidade” exemplificariam mais claramente a dimensão do privado. Apesar da redução do tamanho das famílias no Brasil contemporâneo, seus significados múltiplos – afetivos, identitários, socioculturais e econômicos – indicam a necessidade de isolar essa dimensão, dadas a sociabilidade primária, os vínculos de lealdade e compromissos que agregam membros da família nuclear, parentes e vizinhos.

“Educação, Saúde e Serviços Básicos” representariam mais claramente a esfera pública e incorpora determinados resultados da ação reguladora e dos investimentos municipais, estaduais e da União. A despeito da oferta pela iniciativa privada de serviços na área de saúde e educação, é predominante a presença do Estado nesses serviços, por força de garantias constitucionais e em decorrência dos investimentos realizados na expansão das redes de saúde e educação nos últimos vinte anos nas cidades médias brasileiras. Integram-se nessa classe os serviços de infraestrutura urbana (água, luz e esgoto), transporte e sistema viário.

Os chamados “atrativos paisagísticos” aludem à chamada *primeira e segunda* natureza, reportam-se a paisagens naturais e artificiais e constituem, não raro, patrimônio público material suscetível de tombamento, dado o valor simbólico que ostentam. Alguns desses bens são de proprietários particulares não interessados em disponibilizá-los à comunidade, por ignorarem possibilidades novas trazidas pela legislação ambiental em vigor.

Tendo em conta a importância histórica e cultural das injunções inscritas no religioso e no laico (no Brasil e no mundo) resolveu-se estabelecer uma estratificação dicotomizada que pudesse incorporar essa dimensão da vida social. Por meio das categorias “festas e atividades religiosas”, de um lado, e “festas e entretenimento laico” de outro, procurou-se oferecer à análise algum suporte para a observação de tendências comportamentais nesses quesitos. É evidente que a religiosidade é muito relevante na vida das pessoas em muitas cidades do interior. Entretanto, ainda assim, é plausível arguir sobre qual tem sido a representatividade das atividades laicas de

entretenimento no imaginário social dos habitantes de algumas dessas cidades na atualidade¹⁴.

A participação política e cívica da população nas cidades médias brasileiras foi reunida numa última classe juntamente com outros¹⁵.

Os fatores de fixação reagrupados estão dispostos nas tabelas que se seguem, segundo a importância que possuem no total geral. A observação das respostas dos moradores distribuída regionalmente indica que: a) nas regiões Sul e Sudeste “apego à família, vizinhança e tranquilidade” sensibilizaram os entrevistados mais que a média geral dos 24,9% (por si só bastante alta); b) A presença dos investimentos públicos na “educação, saúde e serviços básicos” é bastante valorizada pelos respondentes. Os dados mostram claramente a supremacia do Sudeste e a fragilidade do Norte e Nordeste; c) Os “atrativos paisagísticos” surpreendem. Estatísticas sobre esses atributos são desconhecidas no país e, ao que tudo indica, os entrevistados valorizam significativamente paisagens existentes em suas cidades que evocam beleza, espaçamento e conforto mental. Isso é particularmente notável no Norte e Sul, embora em todas as regiões as respostas alcancem percentuais próximos dos 15%; d) O “emprego e fatores econômicos” são valorizados pelos entrevistados, sobretudo se forem abundantes na cidade, o que nem sempre se verifica, como já observamos. De toda maneira, a reagregação dos fatores põe em destaque as regiões Norte, Centro Oeste e Sul, com percentuais acima da média geral, o que confere com tendências apontadas em resultados do item anterior; e) É provável que a pesquisa de campo tenha lançado luz sobre um outro achado: as “festas e entretenimento laico” tornaram-se mais relevantes para os habitantes das cidades médias que as “festas e atividades religiosas”. Isso se mostrou mais intenso nas cidades visitadas das regiões Nordeste, Norte e Centro Oeste (e mesmo no Sudeste), não obstante a importância da religião na vida das pessoas dessas mesmas regiões. As explicações mais profundas para essas evidências abrangem inúmeros aspectos, muitos dos quais ultrapassam o arco de investigação desse estudo.

¹⁴ Isto porque em cidades médias dinâmicas, tanto se devem apresentar investimentos públicos de requalificação paisagística de trechos da cidade, quanto investimentos pulverizados da iniciativa privada no mobiliário urbano associado ao comércio e serviços de lazer e entretenimento.

¹⁵ Esse item, oferecido aos entrevistados, mostrou-se na verdade desprezível estatisticamente.

As preferências dos entrevistados distribuídas segundo grupos de idade auxiliam no entendimento das constatações mencionadas, desde que se atente para a complexidade dos aspectos que envolvem as mudanças demográficas que a população brasileira vem experimentando (a exemplo do aumento significativo do índice de envelhecimento). Tais mudanças interferem nos estilos de vida e padrões comportamentais de populações em diferentes etapas do ciclo de vida.

Tabela 4 - Distribuição percentual regionalizada das preferências dos residentes em cidades médias segundo reagregação dos fatores de fixação – 2008/2009

Fatores de Fixação Agregados	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste	Total
Apego a família, vizinhança e tranquilidade	22,2	24,3	25,7	26,1	22,3	24,9
Educação, saúde e serviços básicos	17,2	21,0	26,6	24,0	23,3	23,7
Atrativos paisagísticos	18,2	14,6	15,2	16,3	16,0	15,7
Emprego e fatores econômicos	17,2	15,0	11,3	15,6	15,7	13,9
Festas e entretenimento laico	12,7	14,2	11,3	10,3	10,3	11,7
Festas e atividades religiosas	10,8	8,9	8,1	5,5	9,3	8,0
Participação política, cívica e outros	1,7	2,1	1,8	2,2	3,0	2,0

Fonte: Pesquisa Direta – Leste/IGC-UFMG

Os resultados tabulados (aqui não expostos) indicam que: i) o grupo mais idoso valoriza mais a família, a vizinhança, a tranquilidade, a educação, a saúde, os serviços básicos, as festas e atividades religiosas, além de ser o mais sensível à participação política e cívica; ii) os entrevistados mais jovens possuem uma preferência relativamente bem mais aguçada pelas “festas e entretenimento laico”, embora não deixem de valorizar o item “educação, saúde e serviços básicos” (particularmente a educação, como já visto), além do “emprego e fatores econômicos” e dos atrativos paisagísticos geoculturais; iii) por sua vez, o grupo intermediário, com idades entre 26 e 50 anos, focaliza mais os fatores econômicos, sem deixar de valorizar a família, a vizinhança, a tranquilidade, os atrativos paisagísticos e as festas laicas.¹⁶

¹⁶ As preferências diferenciadas entre os naturais e não naturais do município reafirmam conclusões anteriores e deixam mais claras as diferenças entre essas subpopulações. De fato, os naturais – especialmente as mulheres – são mais propensos a valorizar a família, a vizinhança e a tranquilidade que os migrantes, os quais também não deixam de considerá-los fatores importantes, mesmo que separados de parte de suas famílias. Como já observado, os migrantes são mais sensíveis ao “emprego e fatores econômicos” da cidade e às “festas e atividades religiosas”, enquanto os naturais do município preferem as “festas e o

5. Discussão e Conclusões

Nos últimos dez anos o emprego com carteira assinada vem-se expandindo em centros urbanos de porte intermediário em todas as regiões do país. Há um processo de desconcentração econômica e demográfica em curso, mais ou menos intenso conforme as sub-regiões e o período focalizado. Entre as atividades que respondem pelo dinamismo das cidades médias, os serviços, a indústria e agroindústria, e os investimentos públicos são um sustentáculo do processo de interiorização da atividade econômica.

Novas tendências espaciais do emprego formal sugerem a necessidade de pesquisas capazes de auxiliar o entendimento de uma série questões. Uma delas diz respeito à percepção da população das cidades médias dinâmicas que participam da expansão econômica e demográfica no Brasil atual. Identificadas essas localidades e obedecidos os critérios que privilegiaram a localização geográfica dispersa regionalmente, chegou-se, mediante sorteio, a 55 cidades que foram objeto de pesquisas de campo entre os anos de 2008 e 2009. A parte do formulário específica à pesquisa de opinião indagava os residentes sobre a importância relativa dos fatores de fixação (na cidade) “econômico-sociais”, “geoculturais” e “culturais”. Se agregadas as respostas dos entrevistados, ficou evidente a primazia dos fatores culturais sobre os demais, particularmente entre os residentes das cidades das regiões Nordeste e Norte. Os fatores econômico-sociais comparecem em seguida e são mais relevantes no Centro Oeste, Sul e Sudeste, enquanto os fatores geoculturais são significativos para cerca de 20% dos entrevistados em quase todas as regiões.

Pessoas de maior renda mostraram-se mais sensíveis aos fatores econômico-sociais, enquanto as de menor renda assinalam os fatores culturais. A importância atribuída à Família pela maioria dos entrevistados diante do item Emprego chega a surpreender tendo em conta o caráter dinâmico das cidades selecionadas. Análises mais detalhadas revelam, entretanto, a consistência dos resultados, já que mesmo considerando que a

entretenimento laico”. Curiosamente, os atrativos paisagísticos são mais percebidos pelos migrantes homens e pelas mulheres não migrantes, enquanto a “educação, saúde e serviços básicos” são mais apontados como relevantes pelas mulheres migrantes e pelos homens não migrantes.

maioria dos que trabalham não possui carteira assinada, nas regiões onde houve mais expansão do emprego formal, como no Norte e Sul, os entrevistados apontaram mais enfaticamente a relevância do fator Emprego.

De todo o modo, há fatores que são mais valorizados na percepção do habitante, talvez por internalizarem um caráter mais universalizante e não-excludente tais como Apego à Família, acesso à Educação, à Saúde e à Religião. Se é verdade que a população se encontra mais próxima das atividades religiosas em regiões menos desenvolvidas, como no Norte e Nordeste, parece não haver dúvidas sobre o valor atribuído à presença de equipamentos de saúde e educação, em qualquer região.

Os fatores de fixação ao serem reagregados em sete classes mostraram-se hierarquicamente relevantes na seguinte ordem: “Apego à família, vizinhança e tranqüilidade”; “Educação, saúde e serviços básicos”; “Atrativos paisagísticos”; “Emprego e fatores econômicos”; “Festas e entretenimento laico”; “Festas e atividades religiosas”; “Participação política, cívica e outros”.

Diante das informações aqui assinaladas o que se pode acrescentar às observações feitas na Introdução desse artigo? Se entre 2006 e 2011, a arrecadação das igrejas aumentou significativamente no Brasil, e no Nordeste, esse aumento alcançou quase o triplo da média nacional, ao lado da perda de espaço da igreja católica para os evangélicos, os dados aqui examinados introduzem maior complexidade a essa conclusão. A pesquisa nas 55 cidades aqui referidas foram realizadas dentro do intervalo de tempo referido acima, embora não incorporem áreas metropolitanas, onde certamente o avanço dos evangélicos e não-religiosos tem sido notável. Nas cidades médias dinâmicas as atividades e festividades religiosas se destacaram, mas não tanto como as “festas e entretenimento laico”. Há então um certo hibridismo no rol de tendências comportamentais dos moradores de cidades não-metropolitanas? Talvez. O Brasil é um país onde a miscigenação e a pobreza constroem laços de solidariedade supra religiosos há muito tempo. A atual população com mais de 50 anos de idade pode estar a preservar crenças e valores de seus antecessores que as novas gerações não irão preservar. Isso é duvidoso, tendo em vista a atratividade das seitas protestantes? Sim. E os católicos podem inclusive reagir e recuperar “fiéis” que migraram para outras religiões concorrentes, o que pode introduzir declínio do

crescimento de evangélicos. De todo o modo, convém não negligenciar com a força dos símbolos da modernidade que a sociedade civil e o Estado laico costumam promover. Daí a pertinência em inquirir o próprio habitante sobre o valor relativo dos bens públicos e privados.

O “apego à família, vizinhança e tranquilidade” continuam sendo pontos relevantes para os habitantes, especialmente se residirem no Sul e Sudeste, assim como é expressiva a percepção do habitante com respeito aos itens “educação, saúde e serviços básicos”. Na reagregação dos fatores, os “atrativos paisagísticos” são importantes, assim como as preferências em relação aos eventos laicos e religiosos. Mesmo que sejam raras as estatísticas sobre tais itens no país, não há dúvidas de que se referem a componentes sensíveis da percepção da população das cidades médias. A valorização das paisagens urbanas e naturais pode estar em sintonia com a valorização das “festas e entretenimento laico”, já que ambos atuam no imaginário das pessoas. Apesar dos diferenciais por sexo, idade e renda, e do respeito à religião, os moradores das cidades médias valorizam muito as festividades laicas.

Durkheim, ao estudar religião e moral, observara que as cerimônias religiosas aproximam pessoas, fazem aumentar o senso de coletividade, estabelecem laços de coesão, introduzem a ritualística do sagrado diante do profano. Entendia que antigas crenças e costumes vinham desaparecendo diante da emergência do “moderno” na vida social de meados do século XIX, o que causava uma *mediocridade moral* diante da imposição mudancista que deixava órfã a humanidade de seu tempo: como se o futuro indicasse que os indivíduos só poderiam contar consigo mesmo diante do ocaso do sagrado, provavelmente reaglutinados, mais tarde, sob novo ideário de atitudes e crenças. O autor, longe de um pacifismo ingênuo, acreditava que as tendências de mudança se desenvolveriam ao lado do exercício da liberdade responsável num ambiente cosmopolita e de justiça social extensiva, embora essa perspectiva lhe parecesse muitíssimo remota.

Outro clássico da sociologia, Max Weber, em suas reflexões sobre a religião, coloca-a sob outra perspectiva, a da dominação e da ação social organizada. Apesar de considerá-la uma “técnica” de salvação acessível aos iniciados, à aristocracia religiosa que coage e zela pela ordem “canônica”, aponta a peculiaridade asceta racional que

tipifica a religiosidade ocidental, distinta do estado contemplativo e místico característico da religiosidade oriental. A submissão dos impulsos naturais dos indivíduos, a renúncia aos prazeres mundanos e a adoção de uma ética do trabalho a serviço de Deus demarcariam racionalidades metódicas que acabaram por influir profundamente na vida econômica e social de sociedades e Estados laicos contemporâneos. A figura de um “salvador” surge para servir de exemplo, cimentar a fé e dar conforto espiritual aos pobres, desafortunados e oprimidos mediante aconselhamentos, códigos de conduta, mandamentos. Contudo, o grande sociólogo não ignorava que ao lado da racionalidade em expansão, na maioria das sociedades motivações arcaicas, sentimentais e míticas misturam-se ao ideário iluminista do progresso e racionalidade que tomaram de roldão o século XIX. Nesse momento, para além da razão metódica, a ideia de comunidade de fé que comunga preceitos transcendentais e afetivos – ascéticos ou místicos – introduz uma porta de diálogo com Durkheim.

Na segunda metade do século XX, um estudioso de origem oriental, trouxe contribuições relevantes para o estudo da religião sob o prisma da interpretação geográfica. Yi-Fu Tuan preceitua em sua geografia humanística que a religião é manifestação muito antiga da história do homem, presente em todas as culturas e geralmente envolve um tipo de sensibilidade ou conscientização específica. É impulso voltado a (re)ligação de coisas e eventos capazes de emocionar, afastar a solidão e definir princípios de forte centralidade que orientam uma visão de mundo coletiva. Se um dos significados da religião é a fé em um sistema estruturado de interpretação do mundo, os chamados ateus ou não religiosos podem-se inserir no mesmo rol de significados ao se dedicarem ardorosamente a uma causa ou ideais seculares. O autor não ignora que o pensamento laico prima pelo pragmatismo, pelas necessidades que se colocam em cada momento, pela liberdade individual e múltiplas formas de individualismo que prescindem de sistemas abrangentes de crenças. A pessoa tem metas de curto prazo distantes de interesses finalísticos, longínquos no tempo, como de resto parece ser a tendência que a sociedade de consumo de massas dissemina. Em uma perspectiva humanístico geográfica o desejo por coerência em meio à diferença aludem ao espaço socialmente organizado em suas conexões com a natureza

circundante. Então, uma geografia da religião se coloca como campo de pesquisa importante e pouco conhecido.

Nesse artigo, verificou-se que o sagrado e o profano convivem juntos e o Nordeste do Brasil sintetiza essas dimensões em suas cidades médias não obstante os diferenciais por renda, idade e sexo. Mas os dados indicam que a sociedade laica e a presença do Estado não estão ausentes da percepção dos moradores, a despeito da baixa participação política dos entrevistados. Uma sociedade em mudança, mas sem predeterminações tradicionalistas determinantes, mesmo que o espaço da religiosidade se revista de uma esfera de manifestação ascética racionalizada, como pensava Max Weber. O avanço das seitas evangélicas é apenas uma dessas dimensões no Brasil atual.

Enfim, este artigo busca contribuir com os estudos da Geografia Cultural a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Para isso é mister: a) considerar que a explicação teórica para permanência de tanta gente em seus lugares de origem extrapola os fatores tipicamente econômicos e exige atenção para com dimensões identitárias e de pertencimento que constroem vínculos entre lugares e pessoas (objeto de pesquisa antigo da Geografia Cultural); b) atributos paisagísticos e socioculturais, além dos tipicamente econômicos, podem ser arrolados entre os fatores que mais explicam a fixação da população nas localidades em que vivem; c) pesquisas que auscultem diretamente a população, inventariando suas preferências espaciais podem ser expeditas, surpreendentes e representam um mecanismo de aprofundamento da democracia da consulta aplicável em qualquer lugar e em centenas de localidades em curto espaço de tempo.

6. Referências bibliográficas

Bonnemaison, J. (2002). "Viagem em Torno do Território". Geografia Cultural: Um Século. Z. Rosendahl e R. L. Corrêa. (Eds). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Claval, P. (1995) "La Géographie Culturelle". Paris: E. Nathan.

Corrêa, R. L. (1989). "Carl Sauer e a Geografia Cultural." Revista Brasileira de Geografia. 51: 113-122.

Cosgrove, D. (1998). "A Geografia está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas". Paisagem, Tempo e Cultura. Z. Rosendahl e R. L. Corrêa (Eds.). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Folha de S.Paulo. (2013). 27/01/1991.

Durkheim, E. (1968). "Las formas elementales de la vida religiosa". Buenos Aires: Shapire, p. 410.

Gallais, J. (2002). "Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical". Geografia Cultural: Um Século. Z. Rosendahl e R. L. Corrêa. (Eds.). Rio de Janeiro, EdUERJ.

Gomes, P. C. C. (1996). "Geografia e modernidade". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Lowenthal, D. (1982). "Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology". Perspectivas da Geografia. Christofolletti, A. São Paulo: DIFEL: 103-141.

Matos, R. E. S. & Ferreira, R. N. (2004). "Inserção ocupacional de emigrantes das Áreas Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro." Revista Brasileira de Estudos da População. 21 (1): 83-100.

Matos, R. E. S. (2005). "Espacialidades em Rede: População, Urbanização e Migração no Brasil Contemporâneo". Belo Horizonte, C/Arte Editora, 264 p.

McDowell, L. (1996). "A transformação da geografia cultural". Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social. Gregory, D.; Martin, R; Smith, G. (Eds.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Quintaneiro, T., Barbosa, M. L. O. & Oliveira, M. G. M. (2011). "Um toque de clássicos; Marx, Durkheim, Weber". Belo Horizonte. Editora UFMG. 2ª ed. 157 p.

Sorre, M. (2000). "A Noção de Gênero de Vida e Seu Valor Atual". Geografia Cultural: Um Século. Z. Rosendahl e R. L. Corrêa. (Eds.). Rio de Janeiro, EdUERJ.

Tuan, Y. F. (1983). "Espaço e lugar". São Paulo: DIFEL.